

Portão 2: A vida e a rotina do presídio feminino de Campo Grande¹

Cynthia PALUDETO²

Eduardo Rafael FREGATTO³

Suelen Soares BUZINARO⁴

Marcos Paulo da SILVA⁵

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo retratar, por meio de um livro-reportagem, com a linguagem do jornalismo literário, como vivem as reeducandas do Presídio Feminino Irmã Irma Zorzi, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. No produto retratamos a vida das internas conforme seus próprios depoimentos, e nossas experiências durante visitas à instituição penal. Com os relatos foi possível tomar conhecimento do trabalho que fazem, como se sustentam financeiramente, os problemas diários enfrentados, os motivos e expectativas em relação ao trabalho e futuro. *Portão 2* é dividido em dez capítulos, separados por temas coincidentes às vidas das mulheres entrevistadas, como a entrada na prisão, a família desestruturada, drogas, entre outros. Todos os nomes das personagens foram substituídos, para preservar nossas personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Livro-reportagem; Jornalismo Literário; Presídio Feminino; Campo Grande.

1 INTRODUÇÃO

O projeto aborda, por meio de um livro-reportagem, a trajetória de vida de mulheres dentro do presídio feminino de Campo Grande. A proposta é evidenciar para o público-leitor as condições vivenciadas pelas reeducandas, criando visibilidade para a significativa e crescente população feminina carcerária brasileira.

De acordo com o “Relatório de Mulheres Presas”, resultado de pesquisa do Ministério da Justiça de 2010, a população atual de detentas no Brasil corresponde a 7,4% do total de presos no país, ou seja, 34.807 mulheres. A pesquisa também revela que 95% do total já foi vítima de violência em algum momento da vida. Outro dado que chama atenção é que grande parte das presas é formada por mães solteiras.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, Grande Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Graduada em 2013 no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: cynthia_paludeto@hotmail.com.

³ Graduado em 2013 no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: eduardofregatto@gmail.com.

⁴ Aluna líder do grupo e graduada em 2013 no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: suelenbuzinaro@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: marcos.paulo@ufms.br.

Ainda de acordo com o relatório, os crimes femininos são, em sua maioria, considerados “mais leves”. Isto é, entre os delitos cometidos por elas, 64,7% é relacionado ao tráfico de drogas.

O trabalho pretende desvendar as histórias por trás das estatísticas, e mostrar, por meio do acompanhamento da rotina e do passado dessas mulheres, seus interesses, sonhos, desejos, motivações e arrependimentos. O que leva essas mulheres a se tornarem criminosas? Qual mudança a prisão trouxe para seus pensamentos e sua vida?

2 OBJETIVO

Construir uma narrativa jornalística no formato de livro-reportagem com a proposta de oferecer uma visão diferenciada sobre o universo da prisão feminina de Campo Grande, retratando em detalhes as trajetórias de vida das mulheres reclusas.

Objetivos específicos:

- Por meio de entrevistas de compreensão, utilizar técnicas jornalísticas, ouvir das reclusas depoimentos realistas sobre o cotidiano prisional, e ir além, mostrando os episódios que acarretaram a sua prisão.
- Utilizar a observação direta, desenvolvendo a capacidade de descrição de comportamentos e reconstrução de acontecimentos, utilizando a etnografia (GIRARDI JR, 2000).
- Identificar personagens interessantes para coleta de relatos, e conhecer sua história de vida de maneira profunda.
- Descobrir quais motivos levaram essas mulheres a cometer um crime.
- Levantar dados que comprovem a realidade assistida no Presídio Feminino de Campo Grande.
- Descrever a realidade vivida por detentas gestantes.
- Analisar o grau de contato familiar, bem como possíveis violências sofridas ao longo da vida.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto experimental “Portão 2” é apresentado por meio de um livro-reportagem. Este formato nos permite abordar temas atemporais e buscar explicações para as origens dos problemas enfrentados pelos personagens escolhidos, já que – como percebemos durante as entrevistas –, a maioria das detentas possui uma família desestruturada e sofreu abusos na infância, tanto psicológicos como físicos.

De acordo com Lima (2004, p.29), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”.

O projeto teve como base o gênero livro-reportagem-retrato, pois possibilita aos autores prestar um serviço educativo ou explicativo para a sociedade. O teor educativo serviu de auxílio na aproximação e identificação do leitor com os personagens descritos na história, trazendo o leitor para o universo do personagem, assim como aconteceu conosco no início das visitas. Esse método de apresentação tem base no jornalismo cotidiano, de entrevista e observação, mas amplia o campo de atuação do mesmo. Ao mesmo tempo em que ouvíamos os relatos na posição de jornalistas, não foi possível nos manter alheios aos sofrimentos vividos por aquelas mulheres, portanto o processo de entrevistas nos despertou uma observação mais sensível – isto é, tal como no livro “Prisioneiras – Vida e violência atrás das grades” (2010), de Barbara Musumeci Soares e Lara Ilgenfritz, que analisa a trajetória das detentas com foco na violência sofrida.

O livro produzido é voltado para o convívio social das reclusas e as impressões transmitidas a nós, mostrando também os motivos que levaram essas mulheres à prisão e como foram suas experiências desde o momento de chegada ao presídio. Ainda nesse contexto, utilizamos também como fonte de pesquisa o livro de Aroldo Rodrigues (1999), “Psicologia Social”, publicação na qual são abordados temas como racismo, sexismo e segregacionismo, que podemos afirmar continuam a fazer parte do cotidiano das reeducandas de Campo Grande. O autor traz discussões sobre estereótipo, rotulação, racismo moderno, discriminação e causas sociais do preconceito.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Durante um mês, visitamos o presídio todos os dias, com exceção das terças-feiras e finais de semana. Os três integrantes estavam presentes em todas as entrevistas. Todos os

diálogos foram gravados, e observações registradas em um caderno. Esse procedimento foi adotado em todos os encontros. De modo geral as entrevistas duraram por volta de uma hora.

Todas as entrevistadas aceitaram ser fotografadas e suas vozes gravadas. Nenhuma se negou a responder às perguntas feitas, mas por muitas vezes percebemos que contavam uma versão distorcida dos fatos. A autorização assinada pelas reeducandas foi disponibilizada pela Agepen.

Após o final de cada entrevista, nos reuníamos e debatíamos tudo o que foi ouvido, comentando e documentando nossas impressões sobre a detenta e a veracidade de sua história.

Com o término das entrevistas, e o prazo de entrega próximo, optamos por dividir a redação dos capítulos, sendo que cada integrante do grupo ficou responsável por três deles, e aquele considerado mais polêmico recebeu uma atenção especial. Ao finalizar cada capítulo, trocávamos os textos via email, para aprovação e possíveis alterações por parte dos outros membros.

Encerrado esse processo, o material era enviado ao orientador, para correção e possíveis sugestões. Ao fim dessa etapa, todos os capítulos passaram por uma revisão final para adequação de linguagem, e unificação de dados. A versão final, ainda passou por outra aprovação do orientador.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Cada capítulo do livro-reportagem foi intitulado com uma expressão, que para nós resume as histórias relatadas. Começamos pela introdução, intitulada “O desafio é olhar para baixo”, pois nos desfizemos de todos os estereótipos, e preconceitos para conseguir aceitação por parte das mulheres, e entender com propriedade aquela realidade tão diferente da nossa.

O primeiro capítulo que narra a entrada no presídio recebeu o nome de “Corró”, uma gíria conhecida pelas presas, para identificar a cela de isolamento e adaptação, na qual elas permanecem no primeiro mês de pena.

“Manga” é o segundo capítulo. Retrata a desigualdade social presente naquele universo, em particular. O nome “Manga” é usado para classificar as presidiárias que prestam serviços para as outras detentas. Entre esses serviços estão: lavar a roupa, limpar a

cela e fazer café. O dinheiro é usado para comprar materiais básicos, como higiene pessoal e algumas guloseimas que vem de fora da prisão.

O terceiro capítulo foi nominado “As forasteiras” gíria usada para as mulheres presas que não recebem visitas, ou que vem de outro Estabelecimento Penal. O texto retrata a pouca convivência familiar, tida no período de detenção e a estrutura familiar a qual cada uma delas cresceu.

O seguinte é “Parto”, nesta parte retrataremos a dificuldade de uma gravidez levada dentro da prisão. Em especial abordamos o relato de uma delas, sobre a violência sofrida durante sua Cesárea.

No quinto abordamos as histórias, e o cotidiano de quem já morou nas ruas. Um conto, em especial, chamou nossa atenção que foi a do “Robin Hood das ruas” uma criança viciada em drogas, que roubava lojas e dava dinheiro para os seus companheiros.

O capítulo que aborda os crimes cometidos por nossas entrevistadas foi intitulado “Artigo 33”. De acordo com a legislação, esse é o número que designa o tráfico de drogas, crime cometido por sete das nove entrevistadas.

“Chuncho” faca produzida artesanalmente dentro do presídio. Esse foi o nome escolhido para o sétimo capítulo. Nele retratamos a vida dentro da prisão, e algumas ilegalidades internas que foram expostas pelas detentas durante as conversas. Nesse capítulo a dificuldade, foi passar ao público a realidade da prisão, sem colocar em risco a integridade das personagens, e até mesmo nossa, por não termos provas para corroborar com as denúncias.

O capítulo oito é um dos mais leves do livro-reportagem, e destoa dos demais por contar um relato de felicidade genuína atrás das grades. “Miss” conta a história de uma detenta, que se emagreceu dentro da prisão e se tornou a Miss Penitenciária 2012.

O penúltimo texto, intitulado “O ciclo” abordamos as expectativas das reeducandas para sua vida fora da prisão, e para o futuro de seus filhos, pois todas eram mães. O Ciclo faz uma ligação entre o sofrimento vivido diariamente, e os sonhos ainda mantidos por elas. A preocupação de que seus filhos não tenham o mesmo futuro, se contrapõe com o fato, de que eles também fazem parte de uma família sem estrutura.

“Portão Aberto” fecha o livro com um breve relato, sobre como uma ex presidiária retoma seu convívio social, e busca novas alternativas para seu futuro.

O título do livro-reportagem também tem um significado especial. “Portão 2” é como as presas se referem às visitas feitas por seus familiares, toda quarta-feira, para levar

produtos alimentícios e de higiene, e também dinheiro. Dentro da sociedade carcerária o *Portão 2* é o que define a desigualdade social, quem recebe é considerada “rica”.

6 CONSIDERAÇÕES

Quando decidimos pelo tema sobre mulheres no sistema penal procurávamos mostrar como é a vida dessa população geralmente esquecida pela sociedade e até mesmo por seus familiares. O Relatório de 2010, *Mulheres Presas*, realizado pelas organizações Pastoral Carcerária, Conectas Direitos Humanos e Instituto Sou da Paz, aponta o abandono sofrido pelas internas.

Ao discutir sobre o tema percebemos também o abuso dos estereótipos da mídia, em relação à população encarcerada, o que nos despertou interesse.

Antes de entrar no presídio nossa visão também era construída a partir de estereótipos de que as presidiárias eram masculinizadas ou violentas. No decorrer da pesquisa jornalística, no entanto, percebemos que as mulheres atrás das grades são pessoas comuns, com desejos, medos, arrependimentos e expectativas.

Concluimos que a instituição penal não é um espaço de reeducação, apesar dos diversos programas sociais ali presentes. As entrevistadas nos relataram uma rotina de violência física e psicológica, falhas na assistência dos cuidados básicos de higiene e alimentação e ausência de perspectivas para a vida fora do presídio.

De acordo com nossas observações 90% das presas cometeram crime de tráfico de drogas. A maioria não recebe visitas e tem medo do futuro. Segundo a pesquisa *Mulheres Encarceradas*, realizada pelo Ministério da Justiça em 2008, os presídios femininos brasileiros, já estavam superlotados. Segundo os relatos das entrevistadas a situação não mudou. O presídio possui capacidade para 231 detentas, e abriga 400 mulheres, divididas em aproximadamente 30 por cela, apenas a cela das mães com bebês menores de seis meses e gestantes não é superlotada.

Chegamos a conclusão de que existe um universo particular, como se fosse outra sociedade, dentro da prisão. Lá existem gírias, sistemas de opressão, comércio, desigualdade social, criminalidade, religiões, outras formas de preconceito e relações afetivas. As entrevistadas não tiveram restrições em nos introduzir nesse outro sistema de convívio social. Elas representam, cada uma, um perfil que juntos formam a identidade da detenta de Campo Grande.

Apesar das dificuldades encontradas durante as entrevistas, e na redação do livro, acreditamos ter atingido o objetivo de retratar as detentas de maneira humanizada, e permitir ao leitor entender que por trás dos uniformes azuis, existem mulheres batalhadoras, que buscam novas chances na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social**. 18. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

KLOCH, Henrique. MOTTA, Ivan Dias da. **O sistema prisional e os direitos da personalidade do apenado com fins de res(socialização)**. 1. Ed. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2008.

SOARES, Bárbara Musumeci. ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras- Vida e violência atrás das grades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

ESPINOZA, Olga. **Mulher Encarcerada em face do poder punitivo**. São Paulo: Ibbirim, 2004.

THOMPSON, Augusto. **A questão penitenciária**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

Boas, Sergio Vilas. **Biografismo- Reflexões sobre as escrita da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.

Varella, Draúzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Varella, Draúzio. **Carcereiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Redes, sites, e outros:

Girardi Jr, Liráucio. **A reportagem como experiência etnográfica**. Disponível em <http://academia.edu/1023244/A_reportagem_como_experiencia_etnografica> Acesso em: 4 jul.2013.